

Salvador —
Homossexualismo,
incesto, possessão,
comportamento religioso
em situação de crise,
carnaval.
Qual o antropólogo da
década de 30 que pensaria
em se dedicar a
pesquisas desse teor,
ao invés de se considerar,
como de fato era, apenas
um estudioso das
sociedades primitivas?
Por isso a antropologia
sempre entrou "pela porta
dos fundos", ciência que
pendia mais para o
ecletico e o artesanal.
Como método, deu sempre
grande ênfase à

observação participante
(pesquisa de campo) e
assim caiu menos no
exagero do teorismo.
Agora ela se abre para
problemas da sociedade
urbano-industrial.
O que talvez seja como
forma de reação a uma
sociologia que tem tratado
essas questões de maneira
predominantemente
tecnocrática.

Depois de uma interrupção
de nove anos motivada
pelas condições gerais da
situação política vigente e
incompreensão das
ciências sociais após 1964
— o que gerou um certo
desânimo entre os cientistas
— os antropólogos voltaram
a se reunir em 1974,
em Florianópolis.
Agora, na Bahia, foi
completado o
reagrupamento, visível nas
100 teses debatidas por
quase 400 participantes
da X Reunião Brasileira
de Antropologia. A seguir,
uma breve amostra do
novo tipo de interesse do
antropólogo brasileiro.

tória só dizem burrices sobre os in-
dios e as professoras as repetem", diz
seu diretor, Nei Landi.

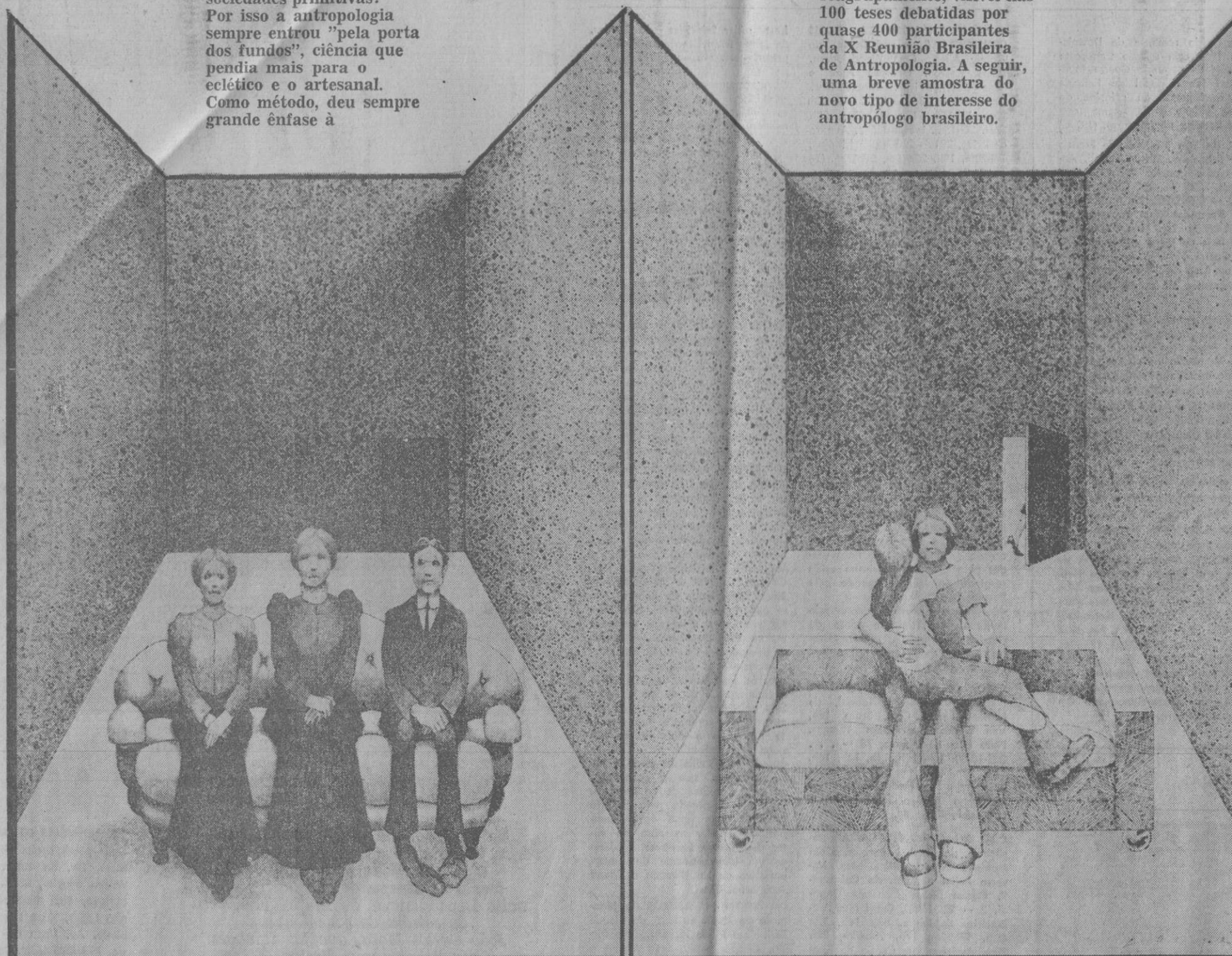
Normalidade da possessão

Psiquiatra e titular de antro-
pologia em Recife, René Ribeiro, 62
anos, concentrou-se nas religiões, es-
pecialmente os cultos afro-brasilei-
ros. Estuda os grupos de culto como
sociedades religiosas, "grupos muito
integrados, com uma cosmogonia,
teologia ritualística e sistema de re-
lações sociais hierarquizadas de acor-
do com o modelo africano".

— Repetem, na medida do pos-
sível, esse modelo, em função do co-
nhecimento dos chefes da seita e da
informática das religiões (tradições
transmitidas oral e sigilosamente a
iniciados de diversos graus). Mas ca-
da *babalorixá* (= padre) que morre,
leva consigo parte de seus segredos.
Os cultos vão perdendo substância,
a inventiva substitui a ritualística,
mas não repara a lacuna da mito-
logia. Os sistemas divinatórios, bá-
sicos nessas religiões, se ressentem
da escassez de *babalôs* (= adivi-
nhos) que ratificam os ritos e pre-
vêm o futuro. O culto é válido até
o ponto em que constitua para eles
uma realidade, uma norma de vida,
uma esperança e um consolo.

René Ribeiro é autor de um es-
tudo sobre a possessão, "um estado
normal culturalmente condicionado,
em que não há histeria nem é um
estado psicopatológico". Aplicou tes-
tes psicológicos de personalidade an-
tes da possessão, durante e depois
dela, para ver a estrutura de perso-
nalidade do *iaô* (*medium, filho de
santo*) e as alterações básicas ou su-
perficiais da personalidade quando
em posse do santo.

A conclusão foi a de que os *san-
tos* não alteram basicamente a per-
sonalidade do *iaô*: o *estado de santo*
é um papel social, culturalmente de-
terminado quanto a seu início e du-



ASFALTO E AGORA O CAMPO DO ANTROPÓLOGO

Symona Groper

Na Europa e EUA, a atitude começou a mudar logo após a II Guerra Mundial, mas aqui foi preciso esperar até fins dos anos 40 pelos primeiros estudos antropológicos sobre questões atuais da comunidade. Pouco a pouco os antropólogos partiram para a investigação de particularidades, antes desprezadas, como a impertinente expressão *Você sabe com quem está falando?*, em que se baseou uma das teses apresentadas no encontro em Salvador.

Foi ao estudar rituais interpessoais e coletivos no Brasil que Roberto da Mata, 39 anos, professor do Museu Nacional, interessou-se por essa expressão tão comum. Para ele, a pergunta expressa mais ou menos o oposto do que ocorre no carnaval, quando há "um ritual de inversão": a sociedade fica de cabeça para baixo, ricos viram pobres, pobres viram ricos, a cidade se transforma em aldeia, a noite vira dia, todo mundo brinca em vez de trabalhar, a sociedade abandona seus esquemas hierárquicos e há uma explosão de igualdade.

Você sabe com quem está falando? Coloca exatamente o inverso. É um ritual interpessoal em que ela é usada para se separar posições ou papéis sociais que, em determinadas ocasiões, ficam trocados. Exemplo mais comum: o motorista empregando a expressão contra o guarda de trânsito, representante da ordem pública.

As regras caem, dependendo de quem as quer suprimir: *É proibido falar com o gerente*. Mas se você é apresentado como filho de um amigo dele ou de um fulano importante, a regra cai por terra. Aparentemente, vivemos no Brasil entre dois códigos: um código burocrático, que se expressa através de uma legislação extremamente complexa, e outro que se chamaria de um código pessoal.

— Curiosamente — diz Roberto da Mata — o código burocrático às vezes é justificado nas suas complexidades para controlar os códigos pessoais, isto é, impedir abusos pessoais. Por sua vez, as pessoas usam e abusam das relações pessoais porque a regra burocrática acaba compli-

cada demais. Parece existir um conflito que, em outras sociedades, as que já fizeram a sua "revolução burguesa", ficou plenamente estratificado como código burocrático. Aqui se oscila entre um código e outro.

Outra conclusão é a de que o código burocrático é feito para a massa, e o código pessoal para as pessoas. Há no caso brasileiro oposição entre uma massa de indivíduos e um grupo de pessoas, muito bem expressa no dito *aos inimigos a lei, aos amigos tudo*.

Homossexualismo incomoda

Inglês, no Brasil há cinco anos, vindo para organizar o departamento de Antropologia da Universidade de Campinas, Peter Fry, 34 anos, nota agora uma abertura da antropologia brasileira em relação ao estudo dos papéis sexuais, especialmente o comportamento chamado anormal, que era um dos itens mais tabu para a antropologia nacional.

Mas essa abertura não impediu risinhos nervosos e sensação de desconforto na platéia, composta por cientistas adultos, quando Fry abordou o tema. Fry começou por um estudo dos cultos afro-brasileiros em Belém, tentando verificar a razão de, em determinados grupos religiosos afro-brasileiros, haver uma enorme incidência de homossexualismo. Na Bahia, disse ele, quase todo pai-de-santo é homossexual.

Em sua pesquisa, Fry observou que os cultos religiosos ditos afro-brasileiros vivem ainda um tanto à margem do sistema social. Por sua vez, o homossexualismo também é marginal. "Como antropólogo, não me surpreende que as duas coisas andem juntas".

Na sociedade brasileira, o homossexualismo nunca é estimulado, nem mesmo nesses nichos ecológicos. Ele existe de fato; aparecer ou não aparecer é outro problema. Como comportamento formal, é sempre desestimulado pela sociedade. E embora se fale no papel da família no

tornalmente, quanto a sua prática e combate.

Fry espantou-se a princípio com a aparente liberdade sexual das pessoas ligadas aos cultos afro. Mas a seguir reparou como essa liberdade é restrita às representações (imagens) que as pessoas têm a respeito de seus papéis sexuais, com conceitos rígidos sobre cada papel: mulher, homem, homossexual. A simbologia é tão rígida que no Brasil só é considerado homossexual quem assume a posição passiva, quando na Europa ambos os parceiros são tidos como tal, já que envolvidos na mesma relação.

— A responsabilidade máxima da antropologia, porém, é com os índios — diz Fry — porque se trata da população brasileira mais ameaçada. Assumir esta responsabilidade não implica fechar os olhos a outros problemas que estão exigindo estudos.

Fry considera cada vez mais difícil distinguir rigidamente antropologia de sociologia: aquela tem contribuído inclusive para a segunda com seu método mais direto de buscar entender como as pessoas pensam, agem, vivem, e por que fazem assim essas coisas.

Preconceitos contra índio

Para Egon Schaden, 62 anos — recém-saído da USP —, o que mais interferiu no destino do índio brasileiro foram as imagens negativas suplantando as positivas. As primeiras, sempre construídas a partir do interesse do branco em encontrar parâmetros culturais autenticamente brasileiros, em contraposição à cultura européia (ibérica), para que não pudessemos ser confundidos com outras nações.

A imagem depreciativa nasceu dos preconceitos etnocêntricos do homem civilizado, de sua atitude sobranceira para com as populações tribais, tidas de antemão como bárbaras e selvagens. A "depravação" que se julgava divisar no índio em seu estado primitivo era devida à projeção de conceitos e valores europeus.

Tudo isso deu origem à convicção de que o índio é um ser inferior, irremediavelmente condenado a ser indolente, perverso, irresponsável e refratário a idéias e valores do branco: às vésperas da fundação do Serviço de Proteção ao Índio, houve o escândalo provocado pelo diretor do Museu Paulista, Hermann von Ihering, que, escrevendo sobre os índios, chegou ao ponto de sugerir seu extermínio total pela violência.

tância com que esses venenosos preconceitos se perpetuam em livros escolares e até em publicações para turistas que visitam a região das antigas missões jesuítas no Rio Grande do Sul:

"O índio, por sua natural indolência, volubilidade e imprudência, mal os jesuítas o deixavam um pouco à vontade, voltava ao estado primitivo (...). Eram "seres atrasadíssimos (...). E entre os Guarani e outras tribos reinava a poligamia. O filho seguia a condição do pai e a mulher era escrava do homem(...)". Quem diria que isso se publicou em 1973? — pergunta indignado Schaden.

— Nos últimos anos, os missionários católicos que trabalham entre os índios vêm submetendo sua atuação a um salutar exame crítico, em parte pela evidência dos erros do passado: não foram capazes de transformar os índios nos cristãos que se haviam proposto fazer.

Para o antropólogo Pedro Agostinho, 36 anos, da UFBA, "as missões religiosas — católicas, protestantes ou bahai — são todas ruins. Partiram de uma premissa errada, a de que se deve proceder à transformação cultural e religiosa do índio, como se suas crenças não contivessem qualquer verdade". Essa opinião é partilhada por grande número de antropólogos — "as missões não fazem outra coisa senão destruir a cultura indígena" — que, entretanto, não querem se identificar publicamente.

— Isso não quer dizer — afirmou um deles — que eu seja contra a ação das missões religiosas, desde que se limitem à única atitude que considero cristã e, no sentido mais amplo, religiosa. Servir o próximo: prestar assistência médica, ajudar a garantir suas terras, partilhar das frustrações da tribo e levar a abnegação até o reconhecimento do direito que têm os índios de conservar e desenvolver suas próprias religiões, o que implicitamente lhes é garantido pela Constituição, quando garante a todos liberdade de culto e religião.

Foi especificamente contra o preconceito que Darcy Ribeiro criou no Rio o Museu do Índio, que apresenta a cultura indígena como ela é, numa comparação viva com a cultura nacional, mostrando o que o índio tem em relação à nossa sociedade e não o que ele tem de "engraçado" ou "exótico". Este mês, o museu vai lançar o livro *O Índio Brasileiro*, de Ofélia Fontes, para adoção da rede escolar estadual, que já usa a sua publicação *Supysaua* (A Verdade, Somente a Verdade, em língua tupi), "porque os livros de his-

ração. Tanto que há *santo bruto e santo feito*. Este é quando o *iaô*, aprendeu a *ter o santo*, aquele é naturalista — qualquer pessoa pode *cair no santo* (transe) ao assistir a um candomblé. E os iniciados interrompem essa possessão o mais depressa que podem.

— Mário de Andrade, por exemplo, entrava em transe musical. Pessoas que têm entusiasmo pelo êxtase, pelo *raptus*, conseguem no *seja no candomblé, seja num festival hippie* ou em um *show de Gilberto Gil*. A umbanda é uma religião de êxtase também, mas principalmente uma religião de cura.

Indignação contra incesto

No trabalho da antropóloga Neli Ferreira do Nascimento, de Minas Gerais, sobre o tabu do incesto, verifica-se maior conhecimento da ocorrência do fato entre os favelados, embora casos sejam encontrados em todos os níveis sociais. Mas nas classes mais altas, os incestos são abafados, enquanto na favela a ausência de separação entre os barracos permite a cada um tomar conhecimento do que ocorre no barraco do outro.

Ela entrevistou um grupo de favelados e outro de bairro classe média, não sem antes lembrar-se de que os biólogos concordam que não há efeito nocivo para a espécie, já que os animais acasalam-se ao acaso e no incesto animal não há dano biológico nem, evidentemente, qualquer dano moral.

Na favela, as respostas foram: "É pecado!" (motivo religioso); "É falta de respeito!" (motivo moral); "Dá filhos aleijados!" (motivo biológico). No bairro, na mesma ordem de motivos: "É antibíblico, contra a religião!"; "É imoral!"; "Filhos aleijados!". No bairro, a maioria não admite o incesto, à exceção — na amostragem escolhida — de um juiz e um estudante de psicologia para quem o incesto seria normal se não houvesse o problema biológico. As exclamações à pergunta *qual sua opinião sobre casamento entre parentes próximos?* foram semelhantes, no bairro, às da favela: "Horível!", "Não pode ser!", "Não há condição!", "É um absurdo!", "Não é possível!", "Credo!", "Anormalidade!", "É monstruoso!", "Tenho horror só em pensar. Não pode haver atração entre duas pessoas que vivem juntas!"